

DIAGNÓSTICO DO TEMPO PRESENTE

Contribuição à análise de conjuntura

Parte IV - O domínio do desejo

§1º *O aspecto social: o domínio do desejo.* Há que indagar-se: quais os afetos que nos movem? Tal é uma das indagações fundamentais proposta por Vladimir Safatle, em “O circuito dos afetos”: “Sociedades são, em sua dimensão fundamental, circuitos de afetos. Elas constroem vínculos através da maneira com que corpos são afetados, objetos sentidos e desejos impulsionados. Há uma gramática de afetos que organiza toda e qualquer sociedade, que fornece a ossatura de nossas formas de vida. Mas há também esses momentos raros nos quais acontecimentos nos fazer ser, ao menos por um instante, afetados de outra forma. Eles quebram os circuitos de afetos que imperavam até então, nos despossuindo de nossos trajetos, nos desamparando de nossos ritmos e, principalmente, decompondo o corpo político que até então existia. Contra tal recomposição, há os que procuram fazer de tudo para dar vida a corpos políticos em estado terminal. Melhor seria se começássemos a pensar outras formas de corporeidade política. Formas à altura desses acontecimentos que tiveram a força de nos desamparar” (Safatle, “Circuito dos Afetos”, p. 14).

§2º *O medo e o desamparo.* Reconhece-se o “medo”, em linha hobbesiana, como o afeto por excelência que opera no interior da sociedade, em sua dinâmica de produção e reprodução de sujeitos e instituições. Elege-se, em contrapartida, em linha freudiana, o “desamparo”, como afeto capaz de reordenar o circuito dos afetos, sob novas bases: “o desamparo nos mostra como a ação política é ação sobre o fundo de insegurança ontológica” (Safatle, “idem”, p. 73).

§3º *Dimensão pré-reflexiva das relações sociais.* Para um leitor crítico, decerto, deverá notar a incompatibilidade entre modelos críticos tão díspares como o de Habermas ou de Safatle. Entretanto, o que importa, aqui, é destacar a dimensão pré-reflexiva das relações sociais, sobretudo, de modo a apontar para uma teoria do reconhecimento e para gramática moral dos conflitos sociais, nos termos de Honneth, sejam quais forem os fundamentos.

§4º *Forma de vida neoliberal.* De tudo isso, o que, para nós, precisa restar claro, aqui, é que a análise adequada da forma de vida neoliberal, tal como descrita por Dardot e Laval, em “A nova razão do mundo”, exige uma compreensão adequada dessa dimensão biopolítica, que, segundo o paradigma produtivista, passa-se despercebida. Por “neoliberalismo”, aqui, na linha de Dardot e Laval, entende-se uma forma de racionalidade política, fundada a partir de uma determinada concepção político-antropológica (neoliberal), caracterizada pela generalização da concorrência (enquanto norma de conduta) e da empresa (enquanto modelo de subjetivação), sendo constituída por um conjunto de práticas que funcionam como dispositivos de segurança e que orientam um determinado regime de gestão social, que envolve tanto o governo dos corpos dos indivíduos (poder disciplinar), quanto o das populações (biopoder).

§5º *Conclusão da Parte IV.* A dimensão do desejo, resalte-se, não pode ser adequadamente compreendida, sob a ótica exclusiva do paradigma produtivista.

MARCELO PENNA KAGAYA
TJAA - TRT 2ª REGIÃO